




**COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS QUE  
CIRCULAM NA SOCIEDADE ATUAL**

**UNDERSTANDING AND INTERPRETING TEXTUAL GENRES CIRCULATING  
IN CONTEMPORARY SOCIETY**

**COMPRENDER E INTERPRETAR LOS GÉNEROS TEXTUALES QUE  
CIRCULAN EN LA SOCIEDAD CONTEMPORÁNEA**

 <https://doi.org/10.56238/levv17n60-009>

**Data de submissão:** 08/04/2026

**Data de publicação:** 08/05/2026

**Rosiane Pereira da Silva**

Doutora em Ciências Animal

Instituição: Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo  
(USP FZEA)

E-mail: rosiane@usa.com

**Francisco José G. Dutra**

Mestre em Educação

Instituição: Faculdade Católica

E-mail: rosiane@usa.com

---

**RESUMO**

Dentro dos desafios que se colocam hoje para a educação, encontram-se a necessidade de articular o que ocorre no mundo com os acontecimentos regionais e locais, com vistas a auxiliar na construção da cidadania e atenuar as desigualdades sociais. Considerando que muitos professores não dominam o referencial teórico acerca dos gêneros textuais, buscando enfatizar a distinção entre os modos de organização do discurso e os gêneros, o artigo buscará mostrar essas idéias em favor da compreensão desses fatos, ou seja, gêneros textuais são textos orais e escritos, produzidos por falantes de uma língua em um determinado momento histórico, são diretamente ligados às práticas sociais, e modos de organização do discurso como a narração, a descrição, a dissertação que se subdividem em argumentativa e informativa e injunção. Por esse viés é que serão abordadas essas ideias.

**Palavras-chave:** Gêneros Textuais. Sociedade. Educação.

**ABSTRACT**

Among the challenges facing education today is the need to connect global events with regional and local contexts, aiming to contribute to the building of citizenship and mitigate social inequalities. Considering that many teachers lack a strong theoretical understanding of textual genres, and seeking to emphasize the distinction between modes of discourse organization and genres, this article will explore these ideas to facilitate comprehension. Textual genres are oral and written texts produced by speakers of a language at a specific historical moment, directly linked to social practices, and modes of discourse organization such as narration, description, and exposition (subdivided into argumentative, informative, and injunctive). These ideas will be addressed from this perspective.

**Keywords:** Textual Genres. Society. Education.



## RESUMEN

Entre los desafíos que enfrenta la educación hoy en día se encuentra la necesidad de vincular los eventos globales con los contextos regionales y locales, con el fin de contribuir a la construcción de la ciudadanía y mitigar las desigualdades sociales. Dado que muchos docentes carecen de una sólida comprensión teórica de los géneros textuales, y buscando enfatizar la distinción entre modos de organización del discurso y géneros, este artículo explorará estas ideas para facilitar la comprensión. Los géneros textuales son textos orales y escritos producidos por hablantes de una lengua en un momento histórico específico, directamente vinculados a las prácticas sociales y a modos de organización del discurso como la narración, la descripción y la exposición (subdividida en argumentativa, informativa e imperativa). Estas ideas se abordarán desde esta perspectiva.

**Palabras clave:** Géneros Textuales. Sociedad. Educación.



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considerando a exigência de novas propostas que norteiam os caminhos de uma metodologia dinâmica, pertinente à realidade dos alunos, este artigo tem como objetivo prioritário a valorização da compreensão e da produção de textos.

O processo da leitura implica vários aspectos, abrangendo não apenas características do texto e do momento histórico em que ele é criado, mas também características do leitor e do momento histórico em que o texto é lido. O resultado do encontro entre leitor e texto não pode ser traçado, portanto, a partir de um único foco. Uma descrição completa do processo da compreensão deve levar em conta, no mínimo, três aspectos importantes: o texto, o leitor e as circunstâncias em que se dá o encontro.

A leitura também é um dos fatores mais importantes para a formação do aluno. É conhecido que a leitura incita o raciocínio e a capacidade de discernimento, portanto, cabe aos educadores, incentivar a leitura.

Com o hábito da leitura os alunos absorvem muitos conhecimentos, aprimorando sua cultura e com isso o sujeito sai da área da opinião generalizada para opiniões próprias e críticas. Pode-se referir que a cultura de um povo está no que ele diz e escreve. Mas para conhecer a cultura é preciso: saber ler, querer ler e o mais importante, ter acesso aos livros.

Paulo Freire, em seu livro “A importância do ato de ler” (2001, p. 11), afirma que, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Leitura e realidade se prendem dinamicamente.”. Portanto, cabe ao professor estabelecer essa relação: leitura de mundo e leitura da palavra escrita. Nesse sentido é que justifica esse procedimento, pois quem não sabe ler, não saberá escrever.

O dever do professor é construir aos poucos a transição desse mundo individual para o mundo mais geral, ou seja, passar da ‘leitura simples’ e ingênua para a leitura crítica do mundo.

A leitura é um dos elementos que constituem o processo de produção da escrita, mas essa não é uma relação mecânica. Os processos de leitura e de escrita são diferentes e revelam relações distintas com a linguagem. É interessante lembrar que na compreensão do texto parte-se das pistas linguísticas na superfície do texto para a coerência profunda, já na produção textual faz-se o caminho inverso. (TRAVAGLIA, 1989, p.24)

Segundo Irandé Antunes (2003), escrever não é uma tarefa simples para os alunos, muitos têm dificuldades de passar para o papel suas ideias. O professor tem o papel de explicar para o aluno para quem ele escreve, como escreve, sobre o que escreve. Escrever sem saber para quem é um exercício difícil, pois falta a referência do outro.



Assim, o professor não pode persistir na prática de uma escrita escolar sem leitor, sem destinatário e também sem conteúdo, isto é, na sociedade sempre existe uma razão para a escrita, assim também tem que ser na escola, o aluno tem que saber o motivo da escrita, com sentido, com destino.

## 2 AS IMPORTANTES FASES DA ESCRITA

A escrita tem que passar por algumas fases, como: planejamento, etapa da escrita, revisão (tema, objetivos, gênero, ordem das ideias, supor as condições de seus leitores e a forma linguística).

O tempo é um impedimento encontrado na produção da escrita, durante apenas uma aula fica difícil planejar e poder rever esses textos.

Num sistema dinâmico, os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) na modalidade Língua Portuguesa (2001), coloca a questão do ler e do escrever em relação próxima com a participação social, pois é através dela que o cidadão se torna apto a agir, chegar a todas as informações e acima de tudo, saber fazer uso social da linguagem. Nessa perspectiva, o sistema educacional deve colocar em prática a compreensão de que o aluno é o sujeito da ação de aprender, cabe a ela dar possibilidades para que o educando tenha acesso a vários textos que transitam socialmente, ensinando-os a pensar criticamente, respondendo as exigências da prática cotidiana.

Aplicar os gêneros textuais em sala de aula é uma ótima oportunidade de se trabalhar com a língua nos seus vários usos no cotidiano. Se a comunicação se faz por meio dos textos, deve-se possibilitar aos estudantes a oportunidade de criar e compreender textos de forma adequada a cada situação de interação comunicativa.

Assim, a melhor forma para ensinar os gêneros textuais é comprometer os alunos em situações concretas de uso da língua, de modo que consigam, de forma criativa e com consciência, escolher meios próprios aos fins que se deseja alcançar.

É importante destacar que, atualmente, muitos educadores, inclusive professores de Língua Portuguesa, e até mesmo alguns livros didáticos indicados pelo MEC, usam indeterminadamente os termos tipos, espécies, modos, modalidades para fazer a classificação textual. Ainda que o trabalho com produção textual seja uma atividade antiga, o estudo científico dessa área de atuação da Língua Portuguesa é considerado novo. Brandão (2001, p.19) diz que a linguística, enquanto ciência específica “é recente e a sua preocupação inicial foi com as unidades menores que o texto (o fonema, a palavra, a frase). Na medida em que ela passa a se preocupar com o texto, começa a pensar na questão do gênero.”.

O trabalho com textos em sala de aula ganhou um destaque especial no momento em que os PCN's de Língua Portuguesa mostraram claramente a sua importância. Com a proposta de leitura e produção de textos, aparece a necessidade de se abordar os gêneros discursivos e textuais.

É tarefa do professor, apresentar e trabalhar com os alunos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do dia a dia. É essencial que os estudantes entendam que textos não são somente aquelas produções escritas tradicionais com as quais se trabalham na escola – descrição, narração e dissertação – e sim que o texto é produzido diariamente em todos os momentos em que há comunicação, tanto na forma escrita como na oral.

Ao estudar a diversidade textual, o professor traz o aluno mais próximo das situações originais de produção dos textos não escolares. Essa aproximação cria condições para que o mesmo entenda o funcionamento dos gêneros textuais, apropriando-se, a partir disso, de suas particularidades, o que facilita o conhecimento que deverá ter sobre eles. Além disso, o trabalho com gêneros ajuda no aprendizado de prática de leitura, de produção textual e de compreensão.

Desta forma, o PCN de Língua Portuguesa mostra que

[...] toda educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais – que podem estar relacionadas às ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão. (PCN, 2001, p.30)

Tendo em vista que toda prática de ensino se fundamenta em teorias, serão apresentados os conceitos de texto e leitura, bem como a importância do conhecimento prévio e da inferência.

## 2.1 TEXTO

Um texto é uma manifestação linguística produzida por alguém, em alguma situação concreta, com determinada intenção. O que dá sentido a um texto é, portanto, a combinação dos fatores: linguísticos, contextual e intencional.

Deve-se, ainda, considerar outro importante aspecto ao falar sobre texto. O texto é sempre dirigido a alguém, ou seja, a situação de produção de um texto supõe a existência de um interlocutor a quem se dirige.

Para Kato (1987), o texto funciona como suporte para a hipotetização dos processos e que, uma vez hipotetizados, o compreendedor passa a atuar como planejador simulador, voltando ao texto apenas para verificar se o resultado de sua simulação coincide com o produto do autor.

## 2.2 LEITURA

A leitura é um dos elementos que constituem o processo de produção da escrita, mas essa não é uma relação mecânica. Os processos de leitura e de escrita são diferentes e revelam relações distintas com a linguagem. É interessante lembrar que na compreensão do texto parte-se das pistas linguísticas na superfície do texto para a coerência profunda, já na produção textual faz-se o caminho inverso (Travaglia, 1989, p. 24).



## 2.3 CONHECIMENTO PRÉVIO

Kleiman (2000) fala da importância do conhecimento prévio, para que haja uma melhor compreensão do texto, considerando que o ato de ler é um processo interativo.

O uso do conhecimento prévio permite ao leitor fazer inferências que relacionam partes do texto num todo coerente, obtendo desta forma a compreensão do texto lido. Em decorrência do conhecimento de mundo, a inferência é um uso inconsciente do leitor proficiente.

A compreensão da leitura será possível através do conhecimento prévio, pois é através dele que o leitor consegue fazer conclusões necessárias para dar sentido ao texto, tornando a leitura significativa e mais interessante.

## 2.4 INFERÊNCIA

Inferência é uma estratégia cognitiva que permite a integração das informações textuais com as informações guardadas na memória de longo tempo, cujo resultado é uma informação não explícita no texto (Lima, 2000).

Inferir algo pode ser definido como o processo de raciocínio, segundo o qual se conclui alguma coisa a partir de outra já conhecida, ou seja, inferência é o raciocínio que partindo de uma ou mais proposições permite chegar a uma proposição verdadeira. Também pode ser definida com o movimento do pensamento que liga a premissa à conclusão.

A geração de inferência é um processo fundamental para a leitura. Quem não faz inferências não lê. Para se compreender um texto é preciso fazer inferências, ou seja, é preciso que o leitor complete o texto com informações que não estão explícitas nele.

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Parâmetros Curriculares do ensino fundamental na área de Língua Portuguesa destacaram a preocupação com as dificuldades de leitura e escrita, resultado do trabalho inadequado com a alfabetização, a linguagem, a compreensão e a produção de textos.

Considerando que a educação consiste em conduzir a pessoa para seu pleno desenvolvimento como “Ser”, em preparar o indivíduo para a vida adulta, visando à sua realização futura, o educador tem como principal tarefa levar o educando de seu estado de inexperiência para uma posição que o habilite a resolver seus problemas e a viver adequadamente.

O desenvolvimento das competências e das habilidades tão divulgado atualmente exige o uso da lógica e do conhecimento, pois não se pode apenas repassar os conteúdos, já que eles envelhecem rapidamente, é preciso ensinar também o aluno a pensar e a intervir, para se formar um cidadão ou profissional incluído no processo social.



Os valores, métodos e iniciativas que se têm mostrado eficientes no ensino tradicional e capaz de conduzir ao crescimento pessoal e intelectual dos alunos devem continuar a ser utilizados, mas a partir de um novo olhar pedagógico. Assim, será possível somar valores e experiências modernas, para enriquecer e melhorar a qualidade das relações professor/aluno, e ampliar o interesse pela informação, possibilitando a construção de um conhecimento multicultural.

O professor sabe que a leitura é o ponto de partida para a aquisição de conhecimento e a socialização do ser humano, a mesma é uma atividade de extrema importância na vida de um cidadão. Quando a escola não ensina o aluno a ler, ela deixa de cumprir sua função social. Mas como reverter este quadro em um mundo cuja oferta de divertimento é muito maior que a leitura de um livro? Sendo uma prática social, a leitura permitirá ao aluno sua interação com os outros, participar e discutir todos os acontecimentos que estão à sua volta.

Contudo, no ensino é importante que o aluno mantenha contato com textos polêmicos, diferentes, que o façam refletir e buscar soluções. Ele deve ser estimulado a opinar, a defender seus pontos de vista, e também a aprender a ouvir e a respeitar as opiniões dos outros, desenvolvendo ainda mais sua própria linguagem, passando a dominá-la e a usá-la de forma conveniente, como cidadão participante de uma comunidade, de um país.

É indiscutível que a leitura é uma atividade de extrema importância na vida das pessoas. A mesma é tida como o ponto de partida para a aquisição de conhecimentos e para uma ampla socialização do ser. Deve-se mostrar aos alunos que a Língua Portuguesa, mais especificamente a leitura, não deve ser vista como tarefa difícil ou desagradável, que pelo contrário, são oportunidades de crescimento e de interação com o mundo.

Em suma, o professor é responsável pela busca de mudanças no ensino. Ele deve ser um pesquisador, procurando sempre novos métodos e abordando novas técnicas para que haja um enriquecimento de suas aulas, para que aconteça uma mudança positiva no ensino-aprendizagem.



## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. Etnografia da prática escolar. 10º ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- ANTUNES, Irandé. Aula de Português: encontro e interação. 7º ed. São Paulo, 2003.
- BAGNO, Marcos. Preconceito lingüístico – o que é, como se faz. Editora Loyola, 1999.
- BRANDÃO, H. N. Texto, gênero do discurso e ensino. In: CHIAPPINI, L. Gêneros do discurso na escola: mito, cordel, discurso político, divulgação científica. In: 2º ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret & MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (orgs.) Reflexões sobre a Língua Portuguesa- ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 37 ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- GARRIDO, Selma Pimenta. Saberes Pedagógicos e Atividades Docente. Cortez. São Paulo: 1999.
- KATO, Mary. O aprendizado da leitura. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor. Aspectos cognitivos da leitura. 3 ed. Campinas: Contexto, 1997.
- LIMA, Rocha. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Editora Livraria José Olympio, 2000.
- Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa, primeiro e segundo ciclo. Brasília: 1997
- PERRENOUD, Philippe. Formando Professores Profissionais: Quais estratégias? Quais competências? Artmed. São Paulo: 2001.
- REGO, Tereza Cristina. VYGOTSKY: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10ªed. Vozes. São Paulo: 2000.
- ROJO, Roxane (org.). A prática de linguagem em sala de aula - Praticando os PCNs. São Paulo: Educ, Mercado das Letras, 2000.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos; KOCK, Ingedore. Texto e Coerência. São Paulo: Cortez, 1989.